

I DOMINGO DA QUARESMA A
21 E 22 DE FEVEREIRO DE 2026

ABERTURA DO CORAÇÃO: JEJUA EM TODOS OS SENTIDOS



PARÓQUIAS | SENHORA DA HORA E SÃO MARTINHO DE GUIFÕES

RITOS INICIAIS

Procissão e cântico de entrada | Saudação inicial

P. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, para conhecer e cumprir a vontade do Pai, esteja sempre convosco.

R. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo

Monição inicial

P. *“Abre-te. Da Quaresma à Páscoa, um caminho com sentido / um caminho com sentidos”*. Este é o lema pastoral, que marca o nosso caminho de regresso do coração a Deus, pelo acesso livre de Deus ao nosso coração. E fazemo-lo por meio de todos os nossos sentidos. Os cinco sentidos, abertos e transfigurados por Cristo, tornam-se portas abertas, para acolher a vida nova da Páscoa do Senhor. Abrir os sentidos é abrir, a partir deles, fendas, portas e janelas, no coração! O jejum, que acompanha a experiência de Jesus, no deserto, abre uma brecha, em nós, para escutarmos a Palavra, saborearmos o Pão eucarístico, contemplarmos o Senhor e deixarmo-nos tocar pelo Seu amor.

Nas Missas com Catequese acrescentar:

Monitora (a): Junto à Cruz, colocamos uma chave. [Um catequizando do 1.º ano com a sua catequista coloca a chave]. É a chave que abre os sentidos! Esta chave tem, na parte que manuseamos, a forma de um coração. Queremos abrir e ampliar a experiência dos cinco sentidos, mas isso só nos interessa na medida em que essa abertura seja uma fenda para Deus entrar e transformar o nosso coração. A chave tem colado o primeiro selo, que resume o programa de abertura do coração, desde esta 1.ª semana:

Criança ou catequista do 1.º ano: «*Menos eu; mais Deus e o outro*».

Monitor(a): Durante os domingos da Quaresma, iremos rezar o Ato penitencial, na forma B, prevista pelo Missal, mas que praticamente ainda desconhecemos. Para facilitar a aprendizagem da resposta da assembleia, façamo-lo em diálogo com o coro.

Ato penitencial – forma B – para cantar, ver melodia na página seguinte

P. Tende compaixão de nós, Senhor.

Coro e Assembleia: **Porque somos pecadores.**

P. Manifestai, Senhor, a vossa misericórdia.

Coro e Assembleia: **E dai-nos a vossa salvação.**

P. Deus todo-poderoso, tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Coro e Assembleia: **Ámen.**

Nota: sendo a opção a forma B, segue-se o Kyrie, sem tropos

Kyrie

P. Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

R. Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

T B Ten - de com - pai - xão de nós, Se - nhor.

Coro e Assembleia S A T B Por - que so - mos pe - ca - do - res.

T B Ma - ni - fes - tai, Se - nhor, a vos - sa mi - se - ri - cór - di - a.

Coro e Assembleia S A T B E dai - nos a vos - sa sal - va - ção.

Absolvição do sacerdote:

Presidente V. Deusto - do po - de - ro - so te - nha com - pai - xão de nós,

per - doe os nos - sos pe - ca - dos e nos con - du - za à vi - da e - ter - na.

Coro e Assembleia S A T B A - men.

Segue-se: *Senhor, tende piedade de nós* ou *Senhor, misericórdia* ou *Kyrie, eleison.*

Oração Coleta

LITURGIA DA PALAVRA

- Fazer todas as leituras.
- A 1.^a leitura pode ser mais curta
- Salmo na Missa com Catequese: **apenas a 3.^a e 4.^a estrofes.**
- Na 2.^a leitura, optar pela **forma breve do Lecionário** ou ainda por uma mais breve.

	NSH 15h45	SMG 17h30	NSH 19h00	ISF 09h00	NSH 11h00	NSH 19h00
Monitor(a)	Ana Pinto	Ana Pinto	Agrup.	Humberto Gomes	Carla Rocha	
	Criança (ou catequista) do 1.º ano: «Menos eu; mais Deus e o outro».					
1. ^a leitura	Jerónima Sousa	Helena Marinho	Agrup.º.	Humberto Gomes	M. ^a José Pires	M. ^a José Pedrosa
2. ^a leitura	José Sousa	Beatriz Correia	Agrup.º	António Jorge	Aline L Ribeiro	Paulo Almeida
Oração dos Fiéis	Ana Isabel	Ana Pinto	Agrup.º	Conceição Ramos	André	Fátima Pires

Notas:

- 1) Não há diáconos neste fim de semana (estão em retiro).
- 2) As preces serão feitas por um(a) leitor(a).
- 3) Não faremos as leituras as vozes, mas mantemos as vozes diferentes indicadas a vermelho, para ajudar a fazer a mudança de voz.

1.^a leitura – Missas com Catequese – pode ser feita a vozes

Narrador: **Leitura do Livro do Génesis**

Narrador: No princípio, a serpente disse à mulher:

Serpente: «É verdade que Deus vos disse:

'Não podeis comer o fruto de nenhuma árvore do jardim'?».

Narrador: A mulher respondeu:

Mulher: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim;
mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim,
Deus avisou-nos: 'Não podeis comer dele nem tocar-lhe,
senão morrereis'».

Narrador: A serpente replicou à mulher:

Serpente: «De maneira nenhuma! Não morrereis.

Mas Deus sabe que, no dia em que o comerdes,
abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como deuses,
ficando a conhecer o bem e o mal».

Narrador: A mulher viu então que o fruto da árvore
era bom para comer e agradável à vista,
e precioso para esclarecer a inteligência.
Colheu fruto da árvore e comeu;
depois deu-o ao marido,
que comeu juntamente com ela.

Narrador: **Palavra do Senhor.**

R. Graças a Deus.

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos:

Assim como por um só homem
entrou o pecado no mundo
e pelo pecado a morte,
assim também a morte atingiu todos os homens,
porque todos pecaram.

Se a morte reinou pelo pecado de um só homem,
com muito mais razão,
aqueles que recebem com abundância
a graça e o dom da justiça
reinarão na vida por meio de um só,
Jesus Cristo.

Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

Aclamação ao Evangelho

Evangelho a vozes | Mt 4, 1-11

Sugerimos, sobretudo nas Missas com Crianças, a proclamação do Evangelho a vozes. Se houver diácono, este pode assumir a função de Narrador, deixando a voz de Jesus para o Presidente da Celebração. Se não houver diácono, a voz do Narrador é confiada a um leitor. Edição impressa em: AMARO GONÇALO FERREIRA LOPES, Subirei até às fontes. O caminho batismal da Quaresma. Ano A. Ed. Paulinas, Prior Velho, 2020, pp. 18-19

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Naquele tempo, Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, a fim de ser tentado pelo Diabo. Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-Lhe:

Leitor 2 (Tentador): Se és Filho de Deus, diz a estas pedras que se transformem em pães.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Jesus respondeu-lhe:

Leitor 3 / Presidente (Jesus): Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus’.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Então o Diabo conduziu-O à cidade santa, levou-O ao pináculo do templo e disse-Lhe:

Leitor 2 (Tentador): Se és Filho de Deus, lança-Te daqui abaixo, pois está escrito: ‘Deus mandará aos seus Anjos que Te recebam nas suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra’.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Respondeu-lhe Jesus:

Leitor 3 / Presidente (Jesus): Também está escrito: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): De novo o Diabo O levou consigo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a sua glória e disse-Lhe:

Leitor 2 (Tentador): Tudo isto Te darei, se, prostrado, me adorares.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Respondeu-lhe Jesus:

Leitor 3 / Presidente (Jesus): Vai-te, Satanás, porque está escrito: ‘Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele prestarás culto’.

Leitor 1 / Diácono (Narrador): Então o Diabo deixou-O, e aproximaram-se os Anjos e serviram-n'O.

(Pausa)

Diácono (ou Presidente, se não houver diácono): Palavra da salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Homilia do 1.º Domingo da Quaresma A 2026 – forma mais longa

Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome (Mt 4,2)

1. O antigo relato do pecado original coloca-nos diante de um limite, curiosamente sob a imagem de um fruto proibido de comer. Ora, o *fruto proibido* é o mais apetecido. Na origem da desobediência do ser humano está – podíamos dizer – o pecado da *gula*, essa *loucura do ventre*, que gera em nós a *ilusão de poder absoluto*, a ilusão de *ter o rei na barriga*, como se a *nossa fome e a sede* de vida, se saciassem num prato de comida! Muitas vezes, o ato de comer, de mastigar, de triturar, de devorar, é, inconscientemente, uma maneira de desafogar a nossa agressividade. O vício da gula faz-nos decair na nossa animalidade! Por isso, aquela ordem dada ao homem, desde o princípio, «**não comerás**», vem recordar-nos que há um limite, para que a pessoa se humanize e não se torne um *devorador, um dominador, um predador*. Em última instância, o jejum imposto desde o princípio vem recordar-nos que “*nem só de pão vive o homem*” (Mt 4,4; Dt 8,3). Cada vez que jejuamos, deve brotar em nós a interrogação: “**De que vives tu? De quem é que te alimentas**”? O homem não vive só de Pão, mas da Palavra Deus, que lhe dá um sentido, vive de um Pão que alimenta para a vida eterna. Por isso, privar-se do alimento, é dispor-se a ouvir Cristo, para se alimentar da sua Palavra. Não por acaso, Leão XIV liga a escuta e o jejum, como propostas desta Quaresma.

2. Jesus, no deserto, fez jejum, por 40 dias e chama-nos a fazer com ele e como ele a experiência da privação e da fome, para que Deus nos possa falar ao coração; chama-nos a esta privação, para purificar e elevar o desejo humano. O jejum reconduz-nos ao essencial, deixa-nos indefesos, confrontados com a nossa nudez, expõe a pobreza radical que habita cada ser humano. E, neste sentido, o jejum abre no coração uma fissura para Deus entrar na nossa vida e se tornar Ele mesmo a única fonte do alimento que sacia!

3. irmãos e irmãs: nesta Quaresma, propomo-nos superar a atrofia dos sentidos, para abriremos, no nosso coração, acessos a Deus e assim nos voltarmos para Ele. Nesta primeira semana, redescubramos o valor do jejum, em vários sentidos:

- **Jejum da boca:** disto já falamos; mas acrescentemos e pratiquemos o **jejum da língua:** abandonemos as palavras ofensivas “*que atingem e ferem o nosso próximo*” (MPQ2026).
- **Jejum dos ouvidos:** jejuemos de ruídos distrativos, de notificações e mensagens constantes, de músicas que ensurdecem, para escutarmos mais e melhor a Palavra de Deus, pois “*não jejua verdadeiramente quem não sabe alimentar-se da Palavra de Deus*” (Santo Agostinho); deixemos de lado os auriculares, que nos isolam da vida diária, pela qual Deus nos interpela e fala. Afinemos os ouvidos, para “*aumentar o espaço dado à voz do outro*” (MPQ2026). Façamos *orelhas moucas* a palavras loucas. Escutemos a voz do silêncio, inclusive nas nossas celebrações.
- **Jejum dos olhos:** jejuemos de imagens dispersas, para fixarmos os nossos olhos no Senhor. Desliguemos écrans, grandes e pequenos (da TV e do telemóvel, do tablet). Haja menos selfies. Protejamo-nos das falsas notícias, das imagens manipuladas pela inteligência artificial, da violência e da pornografia!
- **Jejum do toque:** evitemos contactos desonestos, gestos possessivos e violentos.
- **Jejuemos do cheiro** da corrupção, porque a corrupção cheira sempre a podre.

4. Tudo resumido, o mais importante é **jejuar do pecado**, para limpar e libertar o coração de tudo aquilo que o envenena. Todas estas formas de jejum sirvam para facilitar a oração e despertar no nosso coração “*a fome e a sede de Deus; a fome e a sede de justiça*” (MPQ2026), o sentido da partilha solidária. O fruto daquilo a que renunciamos deve transformar-se num contributo para ajudar quem jejua sempre! Pensemos: de que mais precisamos de jejuar? A quem vamos destinar o fruto da renúncia? Que o jejum nos “*volte para Deus e se destine a fazer o bem*” (MPQ2026)!

Homilia do 1.º Domingo da Quaresma A 2026 – forma mais breve

«Jejuou quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome» (Mt 4,2)

1. O relato do pecado original (1.ª leitura) coloca-nos diante de um limite, simbolizado na proibição de comer um fruto. Ora, o fruto proibido é o mais apetecido. O mais apetecido é, muitas vezes, o que nos faz perder! A desobediência do pecado original nasce desta ilusão de que a felicidade se sacia no consumo e na ideia de que *temos o rei na barriga*. O limite — «*não comerás deste fruto*» — recorda-nos que não somos devoradores nem dominadores. E, por isso, o jejum lembra-nos que *“nem só de pão vive o homem”*. Cada vez que jejuamos, provocamos a pergunta: *“De que vivemos nós? De quem nos alimentamos?”*? Privar-se do alimento é abrir-se à Palavra que é Pão e dá sentido e vida. Não por acaso, Leão XIV une jejum e escuta na sua Mensagem para a Quaresma.
2. Jesus jejuou quarenta dias no deserto antes de enfrentar o Maligno. O deserto é lugar de purificação do desejo. O jejum reconduz-nos ao essencial, deixa-nos pobres e disponíveis, cria uma fissura por onde Deus pode entrar no coração e tornar-se o Alimento que sacia.
3. Nesta Quaresma, proponhamo-nos superar o embrutecimento dos nossos cinco sentidos, por meio dos vários tipos de jejum:
 - *Jejum dos ouvidos*: menos ruído, notificações e palavras que dividem; mais escuta da Palavra, do silêncio e da voz do outro.
 - *Jejum da boca*: moderar alimentos e bebidas, mas sobretudo o jejum da língua; abandonar palavras ofensivas, juízos e calúnias.
 - *Jejum dos olhos*: menos ecrãs e imagens vazias; fixar o olhar no Senhor e proteger-se da manipulação, da violência e da pornografia.
 - *Jejum do toque*: evitar gestos possessivos ou violentos.
 - *Jejum da corrupção*: afastar-nos do “mau cheiro” da podridão.

4. Procuremos, nesta semana, definir isto com clareza: *De que é que eu mais preciso de jejuar? O que é que ocupa o meu coração e me impede de desejar e escolher a Deus como bem essencial e supremo? A quem vou destinar o fruto da minha renúncia?*
5. Seja este o lema desta semana: abrir o coração: **menos eu** (com os meus apetites e desejos), **mais Deus** no centro da minha vida e mais o irmão, a quem Deus pede que dê mais atenção!

Silêncio

Oração

– nas Missas com a Catequese pode ser feita no final da homilia, depois de um silêncio

Senhor Deus,
do deserto e do instante:
ensina-nos a fugir da voragem do consumo
e a fazer da fome que nos visita
um espaço de acesso e de regresso
do nosso coração a Ti.

Dá-nos a graça de um jejum
que abra para Ti todos os sentidos:
para que se cumpra este propósito:
«Menos eu, mais Deus e o outro».

Que o jejum se transforme
em fome e sede de justiça,
em fome e sede de Ti.

Amém.

Renúncia – se convier

P. Sempre que celebramos o Batismo, antes de professar a fé, fazemos com os pais e padrinhos, e associando a eles toda a assembleia dos fiéis, este ato de renúncia! Neste Domingo, em que somos convidados a renunciar ao Mal, digamos todos: “Sim, renuncio” às três perguntas, que nos são dirigidas:

P. Renúnciais ao vosso «ego», às amarras do egoísmo, renúnciais a viver para vós próprios, para aprenderdes a viver, livres de vós mesmos, servindo os vossos irmãos, na gloriosa liberdade dos filhos de Deus? **R.** Sim, renuncio!

P. Renúncias à tentação de uma vida fácil e aparente, sem exigência nem sacrifício, para que as ilusões do mundo não vos enganem nem escravizem? **R.** Sim, renuncio!

P. Renúncias a qualquer forma de excesso de consumo e de abuso de poder? **R.** Sim, renuncio!

Credo dialogado – se convier

P. Credes em Deus Pai, que pela Sua Palavra criadora chamou todas as coisas à existência? **R.** Sim, creio!

P. Credes em Jesus e na Sua Palavra de vida e de verdade? **R.** Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que nos desperta o coração e a mente para acolher com generosidade essa Palavra? **R.** Sim, creio!

P. Credes na Igreja, herdeira do Testamento de Jesus, que anuncia em todo o mundo e a todos os homens a Palavra de Deus? **R.** Sim, creio!

P. Esta é a nossa fé, que professamos em comunhão com todos os que acreditam em Jesus e guardam a Sua Palavra. **R.** Ámen.

Oração dos Fiéis – 1.^a opção

P. Irmãos e irmãs, neste início da Quaresma, tempo de jejum, escuta e conversão, elevemos ao Senhor as nossas preces, pedindo-Lhe um coração aberto e disponível.

Digamos a cada prece:

R. Senhor, convertei-nos a Vós, de todo o coração!

1. Pela Igreja: para que, seguindo a Cristo no deserto, ensine os fiéis a unir jejum e escuta da Palavra, para que todos saibam que nem só de pão vive o homem. Oremos. **R.**
2. **[Só na diocese do Porto]** Pela nossa Diocese do Porto, a caminho do Sínodo: para que, dócil ao Espírito Santo, se revigore na comunhão e na missão. Oremos. **R.**
3. Pelos responsáveis das nações: para que promovam estilos de vida mais sóbrios, combatam o desperdício e a corrupção, e defendam os mais pobres e a nossa Casa Comum. Oremos. **R.**
4. Pelas vítimas das tragédias naturais, no nosso país: para que lhes sejam dadas condições, para rapidamente reconstruírem as suas vidas. Oremos. **R.**
5. Pelas nossas comunidades: para que saibamos jejuar não só de alimentos e bebidas, mas também do ruído, das palavras que ferem, das imagens vazias e dos gestos violentos, abrindo espaço a Deus e aos irmãos. Oremos. **R.**
6. Por cada um de nós, para que, reconhecendo o que ocupa indevidamente o nosso coração, escolhamos Deus como essencial e destinemos o fruto do nosso jejum a quem mais precisa. Oremos. **R.**

P. Senhor, que no deserto ensinastes o valor do jejum e da fidelidade, concedei-nos a graça de abrir o coração: menos egoísmo, mais atenção aos irmãos, mais fome e sede de vós, mais fome e sede de justiça. Por Cristo, nosso Senhor. **R. Amém.**

Oração dos Fiéis – 2.^a opção

– Igual à proposta de Quarta-feira de Cinzas (cf. MPQ2026)

P. Irmãos e irmãs: *“A Quaresma é o tempo em que a Igreja, com solicitude maternal, nos convida a recolocar o mistério de Deus, no centro da nossa vida, para que a nossa fé ganhe novo impulso e o coração não se perca entre as inquietações e as distrações do quotidiano”* (Papa Leão XIV, MPQ2016). Atentos à voz de Deus e ao grito dos pobres, supliquemos:

R. Senhor, convertei-nos a Vós, de todo o coração!

1. Pela Santa Igreja: para que cultive o silêncio e a escuta, para dar voz à Palavra de Deus e dar ouvidos ao clamor dos mais pobres. Invoquemos. **R.**
2. **[Só na diocese do Porto]** Pela nossa Diocese do Porto, a caminho do Sínodo: para que, dócil ao Espírito Santo, se revigore na comunhão e na missão. Invoquemos. **R.**
3. Pelos que governam: para que promovam um cultura da escuta, do diálogo e da Paz. Invoquemos. **R.**
4. Pelas vítimas das tragédias naturais, no nosso país: para que lhes sejam dadas condições, para rapidamente reconstruírem as suas vidas. Invoquemos. **R.**
5. Por todos nós: para que saibamos percorrer juntos, de forma partilhada, este caminho da Quaresma à Páscoa, abrindo os nossos sentidos, para acolhermos o mistério Deus, em cada instante da nossa vida. Invoquemos. **R.**

P. Senhor, por meio da abertura progressiva dos nossos sentidos, ajudai-nos a abrir o nosso coração e convertei-nos à vida nova da Páscoa do Vosso Filho Jesus Cristo. Ele que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. **R.** *Ámen.*

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Sem cântico de ofertório | **Oração sobre as oblatas** | **Prefácio do I Domingo da Quaresma** | **Santo** (cantado) | **Oração Eucarística II** | **Aclamação III** | **Aclamação:** **P.** Mistério da fé, para a salvação do mundo! **R.** Glória a Vós que morrestes na Cruz e agora viveis para sempre. Salvador do Mundo, salvai-nos. Vinde, Senhor Jesus! | **Ritos da Comunhão:** Pai-Nosso | Embolismo | Rito da Paz | Fração, Cordeiro (cantado) | Comunhão e Cântico de Comunhão

RITOS DE CONCLUSÃO

Agenda pastoral Senhora da Hora

1. Segunda-feira, dia 23, às 18h30, Confissões para estes Grupos de Catequese: 5.º C; 6.º A e 6.º C;
2. Quinta-feira, dia 26, às 16h00, Adoração do Santíssimo (MEC's: Fernando e Conceição Rodrigues; Paula Maia).
3. Sexta-feira, dia 27, às 18h30, Confissões para o Grupo de Catequese 6.º B.
4. Sábado, dia 28 de fevereiro, às 14h30: Confissões para o Grupo de Catequese 8.º A.
5. Sábado, dia 28 de fevereiro, às 19h00, Missa Vespertina adicional com Entrega do Credo. Mantém-se a missa às 15h45.

Agenda pastoral Guifões

1. Quinta, dia 26, às 18h00, Confissões para Grupos de Catequese: 4.º e 5.º anos;
2. Sexta-feira, dia 27, às 21h30, no Salão Paroquial, Assembleia Paroquial de Colaboradores Pastorais, com apresentação de contas e reflexão sobre “a cultura da dívida, para cuidar da sustentabilidade financeira da nossa Casa Comum”.

Agenda para ambas as Paróquias

1. Sábado, dia 28 de fevereiro, pároco completa 60 anos de vida. Paroquianos da Senhora da Hora e Guifões, convidados a partilhar o bolo, às 21h30, no Salão Paroquial de Guifões.

2. Caminhada quaresmal:

1.ª semana: Abre o teu coração. Menos eu. Mais Deus e o irmão.

Este é o lema desta semana: **Abrir o coração: menos eu** (com os meus apetites e desejos), **mais Deus** no centro da minha vida **e mais o irmão**, a quem Deus pede que dê mais atenção! Que o jejum nos “*volte para Deus e se destine a fazer o bem*” (MPQ2026)!

Procuremos, nesta 1.ª semana, definir isto com clareza:

De que é que eu mais preciso de jejuar?

O que é que ocupa o meu coração e me impede de desejar e escolher a Deus como bem essencial e supremo?

A quem vou destinar o fruto da minha renúncia?

Oração sobre o Povo - cf. Missal Romano

P. Desça a vossa bênção abundante, Senhor,
Sobre o povo que vos suplica,
para que aumente a sua esperança na tribulação
se fortaleça a sua firmeza na tentação
e alcance a redenção eterna,
Por Cristo, nosso Senhor.

Bênção

P. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho + Espírito Santo,
Desça sobre vós e permaneça para sempre.

R. **Ámen.**

Despedida

Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

Sem cântico final – saída em silêncio

Oração para a bênção da mesa

1.º Domingo da Quaresma A 2026

22.02.2026

Senhor nosso Deus:

Abençoa-nos e ensina-nos

a estarmos à volta da mesa,

a não comermos

de mais nem de menos,

a valorizarmos a companhia

mais que o prato,

a agradecermos estes dons.

Quando sentirmos fome e sede,

abre o nosso coração

à fome e sede de justiça

para com aqueles que nada têm.

Senhor, dá-nos e sacia-nos

com o Pão da Palavra

e da Eucaristia

Amém.

OUTRAS HOMILIAS

1.º DOMINGO DA

QUARESMA A

HOMILIA NO 1.º DOMINGO DA QUARESMA A 2023

Abraça o presente da Páscoa. É Cristo vivo. Agarrado a Ele, viverás.

As Tentações de Jesus, no seu deserto quaresmal, são um presente envenenado, em três embrulhos da mesma espécie! Na prática, são três tentações de abuso de poder, de lugar e de posse. E – não por acaso – todas as formas de abuso são aqui *douradas e justificadas* com o mesmo e subtil pretexto: «*Se és Filho de Deus*».

1. Vamos à primeira tentação: *Se és Filho de Deus*, então és todo-poderoso; podes transformar pedras em pão, podes fazer o que quiseres, podes fazer o que bem Te apetecer, que ninguém Te irá à mão! Jesus, porém, escolhe outro caminho: Ele prefere unir-se à nossa humilde condição humana. Ele escolhe ficar do lado dos pobres, dos que têm fome e sede de justiça, dos que não vivem só de pão, porque se alimentam da Palavra de Deus (cf. Dt 8,3). Ele rejeita pôr-se do lado dos que desperdiçam e malbaratam o pão que é de todos. Vede: Jesus não usa nem abusa de nenhum poder que venha do alto.

2. Logo depois vem a segunda tentação, ainda sob o mesmo pretexto: “*se és Filho de Deus*”, então és o Ungido do Senhor, és o Eleito, o Protegido, o Consagrado, o Iluminado, o Intocável. Se tens assim tanta confiança no poder de Deus, então experimenta-O. Então, usa e abusa do Teu estatuto, aproveita bem o poder do Templo e trepa por aí acima, pois nenhum mal Te atingirá, nenhuma ferida se abrirá. Mas Jesus, uma vez mais, rejeita colocar-se do lado dos que vivem à custa do Templo e prefere ficar do nosso lado, do lado dos feridos e das vítimas de todos os abusos dos grandes sobre os pequenos. Quem crê sabe que Deus não o põe à prova, mas confia na Sua bondade. Vede: Jesus não usa nem abusa de nenhum lugar sagrado!

3. A última tentação é semelhante às outras duas: “*se me adorares*”, então serás o dono disto tudo! Mas Jesus rejeita a idolatria do poder e da glória humana. Jesus escolhe o caminho da Cruz: não o atalho dos exploradores, mas o caminho dos humildes servidores dos outros. Jesus coloca-se do lado dos pobres e dos deserdados, dos indefesos e explorados deste mundo. Jesus coloca-se do nosso lado, desarmado, desfigurado, desapossado. Vede: Jesus não usa nem abusa de nenhum estatuto superior.

4. Irmãos e irmãs: neste caminho da Quaresma à Páscoa, somos desafiados a fazer as mesmas escolhas de Jesus, a abraçar o presente da Páscoa nos braços abertos de Cristo na Cruz. Não queiramos *dialogar* nem *negociar* com o Tentador. Não aceitemos o *presente envenenado* do pecado, que reluz e nos seduz, mas rapidamente nos amarra e enreda na amargura. Neste primeiro passo do nosso caminho para a Páscoa, renunciemos livremente a todos os abusos de autoridade, de poder, de lugar e de confiança sobre os mais pequenos. E abracemos, com firmeza, o presente que recebemos no dia do Batismo: o da nossa condição de homens e mulheres novos, capazes de escolher livremente o bem. Somos filhos e filhas de um Deus que nos libertou de nós mesmos, para amarmos e servirmos os irmãos! Esta é a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

5. Mas como abraçar o presente da Páscoa, com as mãos armadas, pesadas ou ocupadas? Abraçar exige mãos livres! Abracemos então, desarmados e desamarrados, o presente da Páscoa, sem procurar outro poder que não seja o do serviço por amor, sem outra arma que não seja a da Cruz. Abraçar a Cruz é encarar com coragem, e sem fugas à realidade, a nossa vida com todas as suas fadigas diárias, com as suas durezas e contradições. Na Cruz, irmãos e irmãs, somos abraçados para abraçar tudo isto com amor. Abraçados, mas não amarrados! Abracemos a Cruz e deixemo-nos abraçar por ela. *Agarrados a Cristo, viveremos!*

HOMILIA – MISSA COM CATEQUESE – 1.º DOMINGO DA QUARESMA A 2023

Estamos a iniciar o nosso caminho para a Páscoa. Somos desafiados a abraçar o presente da Páscoa que é Cristo vivo: Cristo Crucificado, morto e Ressuscitado.

No princípio de uma caminhada é preciso abraçar, acolher e escolher o Caminho. E esta escolha implica também renunciar, rejeitar atalhos que não passam de um beco sem saída.

A Palavra de Deus hoje sugere-nos três atitudes importantes:

1. Abraçar o presente da Páscoa, da vida nova, implica rejeitar o presente envenenado, que é o pecado, a desordem, o mal.

Cuidado, porque o Tentador sempre nos seduz com algo que reluz... O “mal” aparece-nos sempre muito bem embrulhado, parece uma coisa boa, como o tal fruto proibido que era *agradável à vista e bom para comer*. O mal tem sempre boa cara, é simpático, parece querer fazer-nos bem e dar-nos alegria e prazer. O Tentador oferece-nos sempre qualquer coisa que nos parece um bem, mas, no fundo, são bens enganadores, bens envenenados, como aquelas maçãs que têm a aparência de ser boas... mas estão podres.

Devemos então ter cuidado com as “falinhas mansas” do Tentador, que sempre nos diz cá dentro ou através de alguém: “isso não tem mal”, “ninguém vê”, “Deus perdoa”, “é só uma vez”... “Não, isso não é nada”. Cuidado com tudo isto. É um presente envenenado. Quando nos dermos conta, quando abrirmos os olhos, vemos que fomos enganados. Por isso, não queiramos “pactuar” com o pecado... Se não faríamos aquilo às claras, não o fazamos às escondidas!

2. Abraçar o presente da Páscoa, da vida nova, implica escolher sempre o mais difícil.

Entre o mais fácil e o mais difícil, de certeza que o bem, o bom, o belo, está do lado mais difícil. Se algo é muito fácil, se alguma coisa não custa nada, se não exige esforço, então é para desconfiares: *não é coisa boa, não é para mim.*

Jesus ensina-nos isso, ao rejeitar todos os “atalhos”, todas as “vias rápidas”, todo o uso e abuso de poder. Tentado a seguir o caminho mais fácil, do poder, do êxito, da fama, Ele preferiu colocar-se do nosso lado e sentir a nossa fome. Ele preferiu colocar-se do lado dos servidores e não dos poderosos. Ele preferiu colocar-se do lado dos pequenos e não dos grandes. Numa palavra, Ele preferiu a Cruz, ele escolheu dar a Sua vida e não ganhá-la para si. Este é um critério importante na nossa vida. Para conheceres a verdade, escolhe o mais difícil, abraça a Cruz.

3. E como podemos abraçar o presente da Páscoa? De mãos livres, não de mãos armadas. De mãos abertas e não de mãos fechadas. Queremos ser abraçados pela Cruz de Jesus e não amarrados nos nossos desejos. Somos chamados, sobretudo, a abraçar a Cruz de cada dia: levantar-se (custa tanto), estudar (exige tanto), trabalhar (cansa tanto), fazer os deveres de casa (que aborrecimento), conviver com as pessoas mais difíceis e desagradáveis (que tortura!). Abraçar a Cruz é encarar com amor a nossa vida com todas as suas fadigas diárias, com as suas durezas e contradições.

Na Cruz, irmãos e irmãs, somos abraçados para abraçar tudo isto com amor. Abraçados, sim. Mas não amarrados! Abracemos a Cruz e deixemo-nos abraçar por ela. *Agarrados a Cristo, viveremos!*

HOMILIA NO I DOMINGO DA QUARESMA A 2020

1. “*Sim, renuncio*”! Na celebração do Batismo – e sempre que renovamos as promessas batismais – antes mesmo de dizermos «*sim, creio*», somos convidados a renunciar, a dizer uma e outra vez, “*sim, renuncio*”. É o mesmo que dizer «*não*»: *não* a uma vida sem Deus, como se fôssemos deuses de nós mesmos ou dos outros; *não* a uma vida fechada sobre nós ou de fachada diante dos outros; *não* a uma vida contaminada pelo vírus do domínio sobre os demais. Na Igreja antiga, o candidato ao Batismo, para pronunciar este «*não*» virava-se para o ocidente, símbolo das trevas, do pôr do sol, da morte e pronunciava, por três vezes, este “*não*”. Na verdade, quem diz «*sim*» a Deus, quem escolhe seguir Jesus, quem se deixa guiar pelo Espírito Santo, tem de dizer «*não*», tem de renunciar a si próprio, ao pecado, à sedução do Maligno. Não se pode andar de bem com Deus e com o Diabo! Para **renascer**, é mesmo preciso **renunciar**.

2. Como exercitar esta renúncia, para renascer uma e outra vez e desta vez? Somos conduzidos, como Jesus, ao deserto. Que significa este deserto? O que é que ele implica? Vejamos três dimensões do deserto, três renúncias, para três escolhas¹:

2.1. No deserto somos envolvidos por um grande silêncio: nenhum rumor, à exceção do vento e da nossa respiração. Pois bem, o deserto é o lugar do afastamento da balbúrdia que nos rodeia. O deserto é ausência de palavras, para dar espaço à Palavra de Deus, que é como a brisa ligeira a acariciar o coração. A Quaresma é o tempo favorável para apagar a televisão e abrir a Bíblia, o tempo para desligar o telemóvel e conectar-se ao Evangelho, o **tempo para renunciar a críticas e murmurações**, a palavras agressivas e ofensivas, que as redes sociais

¹ Seguimos de perto a reflexão do Papa Francisco na Audiência de 4.^a-Feira de Cinzas 2020.

amplificam. Hoje insulta-se como quem diz «bom dia»! Afogados num mar de palavras, temos dificuldade em ouvir a voz do Senhor. Fazemos terapia da fala, com uma cura de silêncio. Para quê? Para dialogarmos mais intimamente com o Senhor. Como de pão, e mais que de pão, temos necessidade da Palavra de Deus, precisamos de falar com Deus, precisamos de rezar. Dialogar no silêncio, com o Senhor, volta a dar-nos a vida, faz-nos renascer como filhos de Deus.

2.2. O deserto é o lugar do essencial. Quantas coisas inúteis nos rodeiam e enredam. Parece que nos dão poder, mas dominam-nos. Quanto nos faria bem libertarmo-nos destas coisas supérfluas, para redescobrir aquilo que conta, para reencontrar os rostos de quem está ao nosso lado?! Também sobre isto Jesus dá-nos o exemplo, jejuando. Jejuar é saber **renunciar às coisas vãs**, ao supérfluo, para ir ao essencial. Procuraremos a beleza de uma vida mais simples, a desintoxicação do corpo e da alma. Esta ecologia do coração faz-nos renascer!

2.3. Por fim, **o deserto é o lugar da solidão**, não tanto da solidão procurada, desejada, mas sobretudo daquela solidão forçada, da solidão sofrida por tantas pessoas marginalizadas e sós: elas são esse “deserto” que espera pela nossa caridade, para reflorir. Sigamos Jesus, até ao deserto dos sós, dos descartados, dos isolados, dos pobres, dos idosos. **Renunciemos ao comodismo e à indiferença.** Entremos nesses desertos para saborear a Páscoa, a força do amor de Deus que renova a nossa vida.

3. O deserto é, por isso, lugar para a renúncia, em ordem a novas escolhas, escolhas decisivas, que façam reflorir a beleza e a graça do Batismo. Com Cristo, tais desertos e tais renúncias hão de reflorir em jardim de vida nova. E assim, também do deserto, onde somos *lavados a seco*, se poderá dizer, com toda a verdade, que “**todos aqui renascemos**”!

HOMILIA NO I DOMINGO DA QUARESMA A 2017
A caminho, com Maria, pelas fontes da alegria!

1. E o *ponto de partida deste caminho* foi sinalizado, na quarta-feira, com as cinzas, impostas sobre as nossas cabeças! Fomos tirados da terra, somos feitos de pó, somos todos pecadores! Mas, ainda assim, somos um pó moldado pelas mãos amorosas de Deus, que soprou o seu espírito de vida sobre cada um de nós e quer continuar a fazê-lo. Por isso, a primeira fonte a que devemos acorrer, nesta estrada que nos leva à Páscoa, é a conversão, a abertura plena do coração à ação de Deus. Porque afinal todos precisamos de conversão! Não são os outros, lá fora, que precisam de conversão; sou eu que preciso de me converter aos outros, para os acolher como um dom, aprendendo a amá-los tal como são. A Quaresma é, pois, o tempo da conversão, a fim de que o nosso pó, pela força do sopro da vida divina, se transforme em «pó enamorado» de Deus.

2. O tempo quaresmal diz-nos que estamos sempre **a caminho**, em obra, em *mudança*, em construção, em processo de **conversão permanente**. Conversão não é, em primeiro lugar, reverter alguns maus hábitos ou mudar comportamentos! Conversão implica pôr-se a caminho, neste movimento essencial de voltar ao primeiro amor, de regressar ao coração de Deus, como fonte primeira da nossa vida! A conversão implica abrir o coração ao Único capaz de transformar este pó que somos em humanidade redimida! Como fazê-lo sem recolocar Deus, no centro da nossa vida, sem O reinstalar na nossa forma de pensar, sentir e viver? Como é possível Deus ser hoje o Senhor da nossa vida, se Ele não tiver, em tudo e sempre o primeiro lugar? Dar o primeiro lugar a Deus, e só a Ele prestar culto, exige renunciarmos à tentação mais primitiva de sermos deuses de nós mesmos, ou de vivermos como se Deus não existisse, como se Ele não contasse, de facto, para nada! Deus parece hoje um *passatempo piedoso*, a que dou atenção, apenas

“quando posso”, “quando me apetece” ou “quando sinto a falta”. Não deixemos Deus renegado nas margens ou sobras da nossa vida! Para que tal se concretize, vamos todos, com Cristo e como Ele, ao deserto, não para aí nos instalarmos, mas para aí bebermos desse “*rochedo espiritual que nos acompanha*” (1 Cor 10,4), e que é Cristo, o Homem novo. D’Ele brotam **todas as fontes da alegria!**

3. E façamos este caminho, pelas fontes da alegria, **com Maria**, na proximidade do Centenário das Aparições de Fátima. Curiosamente, Fátima apresenta-se também como um *lugar árido*, um lugar “*a céu aberto*”, onde ressoa, como uma trombeta, o apelo à conversão e o desafio a beber das fontes da alegria. A mensagem de Fátima vem, pois, ao nosso encontro, nesta primeira semana, com o seu repetido apelo: «*penitência, penitência, penitência*» (FSE 11), o mesmo é dizer «conversão, conversão, conversão», regresso ao coração de Deus.

4. Nesta 1.^a semana, acorramos, sem cessar, à ânfora da conversão, uma fonte sempre a jorrar! Talvez isso não signifique fazer coisas extraordinárias, mas simplesmente intensificar a vida espiritual, aproveitar mais e melhor os tempos de oração e de celebração, dar espaço a todo o bem possível. A conversão desta Quaresma deve significar um sobressalto qualitativo, na nossa vida espiritual, tantas vezes, medíocre, rotineira e habituada ao normal.

5. Mas, meu querido irmão, minha querida irmã, não basta teres um programa diocesano e paroquial interessante, como guia e referência. É preciso que faças o teu próprio programa, à tua medida, segundo as tuas condições, capacidades e necessidades! Os remédios santos da oração, do jejum, partilha e da reconciliação são conhecidos, mas ninguém os poderá tomar por ti! As fontes estão perto de ti, mas ninguém lá irá beber por ti. Não percas este tempo belo e favorável. Põe-te, desde já, “*a caminho, com Maria, pelas fontes da alegria*”!

HOMILIA NO I DOMINGO DA QUARESMA A 2014

1. Batizado de fresco, Jesus volta às fontes do silêncio, da oração, da palavra de Deus, para fazer uma opção fundamental, para definir uma escolha essencial de vida! Que orientação daria à sua vida? Buscaria o seu próprio interesse ou escutaria fielmente a Palavra de Deus? Como agiria? Dominando os outros ou pondo-se ao serviço deles? Procuraria a sua própria glória ou a vontade do Pai? Para Jesus, acreditar significa não renegar a sua condição de Filho de Deus e manter-se fiel ao Pai, no meio da tentação! A sua fé é uma fé que se mantém e se consolida no meio de muitas lutas e conflitos, dentro de si e à sua volta, como se vê nesta cena dramática das tentações!

2. Mas perguntemo-nos hoje: a tentação, toda e qualquer tentação, de onde vem? Como age dentro de nós? Não vem de Deus, mas das nossas debilidades interiores, das feridas que deixou em nós o pecado original. Diríamos que toda a tentação tem três características: **cresce, contagia e justifica-se** (cf. Papa Francisco, meditação matutina, 18 de fevereiro 2014)!

2.1. Inicialmente, a tentação começa com um certo ar tranquilizador, como se não houvesse mal nenhum, naquilo que se pensa fazer... mas depois **cresce** como o joio, no meio do trigo (Mt 13, 24-30), sem que praticamente nos demos conta disso! Cresce, cresce, cresce. E se não a bloquearmos, a tentação invade tudo e acaba por nos dominar totalmente, como uma espécie de obsessão, que nos enreda!

2.2. Depois vem **o contágio**. A tentação cresce, mas não gosta da solidão; portanto procura companhia, contagia outro, arrasta outros e assim acumula pessoas...

2.3. Outro aspeto é a justificação. Para estarmos mais tranquilos, justificamo-nos. A tentação **justifica-se**, desde sempre, desde o pecado original, quando Adão passa a culpa a Eva, por esta o ter convencido a comer o fruto proibido. Pelo

contrário, a primeira coisa que devíamos fazer não é passar a culpa a outro, mas é pedir humildemente perdão a Deus, pedir desculpa ao irmão.

3. Queridos irmãos e irmãs: *“Na vida, cometemos tantos erros, tantos enganos. Todos nós. Talvez, não haja um dia em que nós não façamos algo errado. Eis, então, a necessidade de usar esta simples palavra: “desculpa”. Em geral, cada um de nós está pronto para acusar os outros e para se justificar. É um instinto, que está na origem de muitos desastres. Aprendamos a reconhecer os nossos erros e a pedir desculpas. “Desculpa-me se eu levantei a voz... Desculpa-me se eu passei sem te cumprimentar... desculpa-me pelo atraso; desculpa-me por estar tão silencioso esta semana; desculpa-me se eu falei muito e não te ouvi; desculpa-me se eu esqueci”. Também assim cresce uma família cristã. Nunca deixeis terminar um dia sem pedir perdão, sem que a paz retorne à nossa casa, à nossa família”* (Papa Francisco, Diálogo com os noivos, 14.2.2014).

4. Irmãos e irmãs: Procuramos nesta quaresma vir à fonte, voltar à nascente do batismo, em que nos tornamos filhos de Deus. Desde então, está sempre presente, em nós, em cada dia e todos os dias, esta necessidade de optar, de decidir, de resistir ao mal, de escolher e seguir Jesus, para vivermos como filhos de Deus, como irmãos atentos e ao serviço dos irmãos. Do círculo vicioso, no qual a tentação nos fecha, só sairemos, ouvindo a Palavra de Jesus. Essa Palavra abre-nos um horizonte de esperança, porque Jesus não só nos faz sair da tentação, como depois da queda, renova o seu voto de confiança em nós. E esta é uma grande força, que nos permite seguir em frente.

5. Nesta quaresma, *“vivamos profundamente o nosso Batismo, com uma viragem, uma conversão que nos faça sair da resignação e da habituação ao mal, em nós e à nossa volta”* (Papa Francisco, Audiência, 4ª feira de cinzas). Peçamos, desde já, ao Senhor, que, no meio da tentação, nos diga sempre: *“Pára. Fica tranquilo. Ergue os olhos para o horizonte, não te feches, vai em frente”*. Esta palavra, no momento da tentação, evitará o pecado e salvará a nossa vida!

HOMILIA NA MISSA COM CATEQUESE – I QUARESMA A 2014

1. Estamos a iniciar a Quaresma. Para uns, é tempo de preparar o batismo. Para outros, para a maioria, é tempo de voltar à fonte, de redescobrir o próprio batismo. Na verdade, ser batizado, não significa que está tudo feito e acabado.

2. Vede Jesus: tinha sido batizado no Jordão. Mas agora vai ao deserto, para rezar. Ele tem de se decidir. Ele tem de optar, de escolher o modo de viver o seu batismo, de cumprir a sua missão. Que orientação daria à sua vida? Buscaria o seu próprio interesse ou escutaria fielmente a Palavra de Deus? Como agiria? Dominando os outros ou pondo-se ao serviço deles? Procuraria a sua própria glória, o sucesso, ou a vontade do Pai? Para Jesus, acreditar significa não renegar a sua condição de Filho de Deus e manter-se fiel ao Pai, no meio da tentação! Trata-se, no fundo, de escolher: viver segundo a vontade de Deus ou viver como se Deus não contasse!

3. Desde então, está sempre presente, em nós, em cada dia e todos os dias, esta necessidade de optar, de decidir, de renunciar e resistir ao mal, e de escolher Deus e seguir Jesus. Não podemos pensar *“sou batizado e já está; nenhum mal me acontecerá”*. Não. Estamos sempre sujeitos à tentação de viver sem Deus, viver como se Deus não contasse, *viver para nós próprios, pensando apenas na nossa fama, no nosso sucesso, no nosso proveito*. Por isso, todos os dias temos de *“renunciar”*, de dizer *“não”* ao pecado, para dizer *«sim»* a Deus e à sua vontade. Todos os dias temos de fazer esta escolha, de viver como filhos de Deus, e, por consequência, de viver como irmãos que sabem cuidar dos outros como irmãos.

4. Para vencer a tentação, para não vivermos escravos do pecado, é preciso voltar às fontes do *batismo, da eucaristia, da oração, do perdão, da partilha*. Senão parece

que Deus não conta; parece que os outros não contam. Parece que vivemos à nossa custa e que nos tornamos deuses de nós mesmos. Ora, para vivermos como filhos de Deus, precisamos de “ir ao deserto”, de fazer silêncio, de rezar, de escutar a Palavra. Na passada 4ª feira de cinzas o Papa disse que nós nos acostumamos a deixar Deus de lado, e deu o exemplo de alguns pais que não ensinam mais os filhos a rezar nem a fazer o sinal da cruz. O Papa perguntou, dirigindo-se aos pais e avós, se eles ensinavam seus filhos e netos a rezar e a fazer o Sinal da Cruz, se ensinam as suas crianças a dirigirem-se a Deus, com a oração do Pai-Nosso, e a Nossa Senhora com a oração da Ave-Maria. Uma pergunta que pediu – e eu também peço – que respondessem em silêncio, no coração.

5. E há uma tentação, muito concreta, que vamos procurar vencer esta semana: a tentação de justificar os nossos erros, de passar a culpa, de não reconhecer as nossas faltas. Ora, todos o sabemos: *“na vida, cometemos tantos erros, tantos enganos. Todos nós. Talvez, não haja um dia em que nós não façamos algo errado. Eis, então, a necessidade de usar esta simples palavra: “**desculpa**”. Em geral, cada um de nós está pronto para acusar os outros e para se justificar. É um instinto, que está na origem de muitos desastres. Aprendamos a reconhecer os nossos erros e a pedir desculpas. “Desculpa-me se eu levantei a voz... Desculpa-me se eu passei sem te cumprimentar... desculpa-me pelo atraso; desculpa-me por estar tão silencioso esta semana; desculpa-me se eu falei muito e não te ouvi; desculpa-me se eu esqueci”. Também assim cresce uma família cristã. Nunca deixeis terminar um dia sem pedir perdão, sem que a paz retorne à nossa casa, à nossa família”* (Papa Francisco, Diálogo com os noivos, 14.2.2014).

Quando somos humildes e pedimos desculpa, Deus e o nosso irmão, encontram espaço no nosso coração.

Homília no I Domingo da Quaresma A 2011

«Refresca o teu mundo»!

Assim conclui um interessante anúncio publicitário da Pepsi-cola, que, a baixo custo, nos quer vender o seu produto²! Mas todos já sabemos, que a bebida não mata a sede! Mais depressa nos mataria de sede!... Por isso, não fosse a bebida em causa, e eu teria a lata de retomar esta frase, precisamente, para resumir o espírito da nossa Quaresma de 2011: **«Refresca o teu mundo»!** Isto dito em linguagem cristã, significa: *«volta à frescura do teu Batismo! Regressa às fontes da vida nova! Faz do teu batismo “não um rito do passado, mas um ato decisivo, para toda a tua existência”! E na frescura dessa água, refresca o teu mundo interior, para poderes renovar o mundo que te rodeia»!*

O pior é que o anúncio troca-nos os líquidos e oferece, no fim, um remédio, cuja toma abusiva, só nos poderá criar dependência! Houve, por isso, quem chamasse à cultura da geração «rasca», dos anos 80 e 90, a cultura da «coca-cola», precisamente para definir a triste sorte da pobre gente, que, quanto mais procura uma felicidade instantânea, fácil e fora de si, mais depressa a perde, dentro de si. E pior ainda: aquela insatisfação do corpo, que podia até despertar os apetites da alma, é muitas vezes afogada na ressaca do dia seguinte, com mais bebida, ruído e “sexo sem compromisso”!

Porém, este anúncio publicitário desenvolve-se a partir de uma série de desafios, ou de provocações, que vistos de um lado, são tentações sedutoras. Tal como Diabo fez a Jesus, também a publicidade consegue fingir, que nos indica o melhor!

² Pode mostrar-se o anúncio publicado no youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=eorlckzP4hl>) ou ler-se o texto na íntegra: «Estás aí? Acorda. Deixa-te de cenas. Sai do quadrado! É tempo de arriscar! Revolucioná-te! Sê irreverente! Sê diferente. Liga-te! Partilha, Sorri. De que estás à espera? É agora o momento. Refresca o teu mundo”. As partes **a roxo** são citações, que podem ser acompanhadas de imagens.

Todavia, podemos, como Jesus, tomar as mesmas palavras, para dizer a verdade, se em vez do térreo líquido americano, pensarmos na água viva do nosso Batismo. Atrevo-me, por isso, a dar, como Jesus, uma resposta, à altura destas provocações, que tomamos como teste e provação, à nossa opção, por uma vida cristã, essa sim, **diferente e irreverente**. Senão vejamos:

Diz o tentador da publicidade: «**Estás aí?** Porventura, só e amarrado aos teus deveres, sem rumo certo no teu coração?! «**Acorda, deixa-te de cenas! Sai do quadrado, é tempo de arriscar!**» A cena - para usar a mesma linguagem da publicidade – é muito semelhante à do relato do pecado original, dos nossos primeiros pais, no Paraíso! O mundo que Deus lhes confiara parecia-lhes um quadrado muito estreito! E também eles são desafiados a “saltar a cerca” do jardim. O tentador desafia-os com astúcia: «**revoluciona-te**», «**sê irreverente**», «**sê diferente**», como quem diz: *«escapa aos limites, dá asas ao desejo, experimenta o proibido, e arrisca a viver uma existência, sem exigência, sem Deus e sem lei»*. Todavia o salto, para fora de Deus, numa vida assim, autónoma e libertária, não lhes trouxe a felicidade prometida. Foram despejados do jardim da vida e despojados da sua dignidade filial e original de filhos de Deus!

A cena contrapõe-se à do evangelho: Também Jesus, despejado no deserto, lugar do silêncio e da prova, é «*despojado*» da sua grandeza divina, e tentado a seguir a mesma lógica de satisfação das necessidades imediatas, de convencimento dos indecisos através do espetáculo mediático, da tomada do poder, em benefício próprio. Mas Jesus faz outra opção: Jesus revoluciona o mundo, não pelo aparato da força e do poder, a pensar em si, mas pela via do amor humilde, que se entrega aos outros. Jesus venceu a tentação do proveito próprio, no lugar onde nós falhámos, e assim mostra-nos um caminho «**diferente e irreverente**», aos olhos

deste mundo. É o único caminho, verdadeiro, certo e seguro, que nos dá acesso a Vida verdadeira! Só Ele nos guia por caminhos retos!

Por isso, Jesus pode dizer-nos as mesmas palavras finais da publicidade, mas agora, no seu justo sentido:

«**Liga-te**»! Liga-te a Deus, em oração, não como uma prisão que te enreda, mas como a um fio umbilical, que te dá Vida!

«**Partilha**» com os outros, o pedaço de pão, a que renunciaste, por amor.

E, se jejuaste para o poder dar com mais abundância, «**sorri**», para que não saibam, que o fizeste, mas conheçam claramente a tua alegria.

«**De que estás à espera?**» «**É agora o momento**»! São Paulo disse-o, de modo semelhante, no início desta Quaresma: «**este é o tempo favorável, este é o tempo da salvação**»!

Querido irmão: De cajado na mão, caminha então pelo deserto do silêncio e da Palavra, como quem procura cavar na rocha do teu coração, as fontes da vida nova, que se abriram, para ti, no dia primeiro do teu Batismo! Só aí encontrarás a frescura que dá Vida. Daí, dessas fontes, «**refresca o teu mundo**»!

Homilia no I Domingo da Quaresma A 2008

1. Nas mãos, um vaso de terra, para a cultivarmos como um jardim! O vosso gesto, tão humilde e simples, parece dizer, quase tudo: «O Senhor Deus formou o Homem», Homem e mulher, «do pó da terra». Por outras palavras, a criatura humana partilha, com todas as outras criaturas, a torrente da vida natural, na sua beleza e maravilha. Mas, entre todas as criaturas, só ao Homem, homem e mulher, Deus tornou participante da Sua Vida, da vida plena, da vida eterna, da sua própria vida divina. Só com o Homem, Deus quis estabelecer diálogo, viver e conviver na amizade. Foi a pensar num espaço de encontro amoroso entre o Criador e a sua criatura humana, que Deus plantou um Jardim, e, no centro, colocou o Homem. A mensagem parece clara: fomos chamados por Deus, a guardar e a cultivar a Terra, como um jardim, fazendo dela a nossa própria casa.

2. Mas a história continua e mostra-nos, por fim, que o Homem, desde o princípio, parece querer roubar e conquistar a Deus, o que Deus lhe quer dar e confiar. E tenta remover Deus, do seu jardim, e pô-lo de lado na sua vida. O Homem, desde o princípio, têm a ilusão de, sozinho, pôr ordem no mundo, contando apenas com as próprias capacidades. O pecado das origens é a cedência à tentação de viver autonomamente, de viver fora de Deus, de viver sem Deus. E qual o resultado desta “desavença” com Deus? Fica, desde logo, minada a relação entre o par humano; depois entre irmãos; logo a seguir, entre povos e línguas. E a própria criação, a Terra inteira, destinada a ser cultivada como um jardim, é também vítima do egoísmo humano, da luta de interesses, e entra em degradação. O jardim transforma-se num deserto, terra destruída. Desde o princípio, fica bem claro: o pecado, “a desavença com Deus é o ponto de partida de todos os envenenamentos do Homem (Bento XVI, Jesus de Nazaré, 124). De facto, se “os desertos se multiplicaram, no mundo, foi porque os desertos interiores se tornaram tão amplos. Os tesouros da terra deixaram de estar ao serviço da

edificação do jardim de Deus, no qual todos podem viver, tornaram-se escravos dos poderes da exploração e da destruição” (Bento XVI, Homilia no início do ministério petrino).

3. Não por acaso, o novo Adão, que é Jesus Cristo, vai ao deserto, para vencer o combate, que outrora o homem velho tinha perdido. E, Jesus sai vencedor. Curiosamente, “no mesmo relato das tentações, São Marcos refere que *«Jesus vivia entre as feras e os anjos serviam-no»* (Mc.1,13). O deserto – imagem oposta do jardim – torna-se o lugar da reconciliação e da salvação; as feras, que representam a forma mais concreta da ameaça que impende sobre o homem, tornam-se amigas, como no paraíso. É restaurada a Paz, que Isaías anunciara, para o tempo do Messias”. Dito de outro modo, “onde o pecado é vencido, onde se estabelece a harmonia do Homem com Deus, segue-se a reconciliação da criação; a criação dilacerada volta a ser lugar de paz” (Bento XVI, Jesus de Nazaré, 57-58).

4. Daqui tiraríamos algumas conclusões práticas:

Primeira: Temos o dever de considerar a criação, a terra, a natureza, como um dom que nos foi confiado por Deus, não para a destruição, mas para que se torne o jardim de Deus, e assim um jardim do homem. Devemos cuidar da Terra, que foi confiada ao homem, para que a guarde e cultive com liberdade responsável, tendo sempre como critério orientador, o bem de todos. Respeitar o ambiente não significa considerar a natureza material ou animal mais importante do que o homem; o que queremos dizer é que não podemos considerar a Terra, egoisticamente, à completa disposição dos nossos próprios interesses, porque as gerações futuras também têm o direito de beneficiar dos bens da criação. Nem se hão de esquecer os pobres, em muitos casos excluídos do destino universal dos bens da Terra.

2. *Segunda:* Diante das múltiplas formas de abuso da Terra que hoje vemos, ouvimos como que “o gemido da criação” (cf. Rom. 8, 22). E, por isso, também a

criação espera ansiosamente a gloriosa libertação dos filhos de Deus. Vede: se o estado atual da Terra é fruto da desordem interior do coração humano, fruto disso a que chamamos «pecado», então uma nova criação, uma nova ordem no mundo, só será alcançada com o florescer do homem novo, com o frutificar da vida nova, do homem novo, da nova criatura. Por isso, não é viável a luta por uma nova terra, despoluída, partilhada e respeitada, sem o esforço e o combate humano por uma vida interior purificada e respirável. Os oásis da criação, que surgiram, por exemplo, em torno das abadias beneditinas do Ocidente, não são porventura antecipações desta reconciliação da criação, que vem dos filhos de Deus? (Bento XVI, Jesus de Nazaré, 58)

5. O Tempo da Quaresma, que temos pela frente, destina-se a “recriar” a nossa vida, a limpá-la das «escórias» que se acumulam, com a rotina do tempo e que, a não ser eliminadas, sufocam e contaminam a circulação da vida de Deus em nós. Trabalhem, nesta primeira semana, a terra, com o tato e contacto das nossas mãos, limpando jardins, embelezando a terra. Mas façamo-lo, pedindo a Deus, que, como “verdadeiro agricultor”, cave e lavre, no nosso coração, sulcos de vida nova. Esta Terra, que vamos abençoar, nos predisponha a fazer do coração a «boa terra» onde a Palavra de Deus germine e dê muito fruto. De modo, que, feitos novas criaturas, nos tornemos artífices de uma nova criação!

Bênção da Terra: (depois da Homilia)

Monitor: Convidámos 12 representantes das famílias a abeirar-se do altar, representando as 12 tribos de Israel, que davam nome às diversas regiões da Terra Prometida. São também a expressão do novo Israel, da Igreja, plantação de Deus, que quer ser no mundo, sinal antecipado dos novos céus e da nova terra. E agora, todos vós, elevai e apresentai ao Senhor, a terra da vossa vida, para que invoquemos sobre ela e sobre nós a bênção do Senhor:

P. Ó Deus, Criador do Universo,
Vós nos formastes do pó da terra,
mas, ainda assim, nos fizestes únicos entre todas as criaturas.
pois, com o sopro do vosso infinito amor,
insuflastes em nós, o Espírito da Vida!

Depois, ofereceste-nos a Terra,
a fim de a guardar e cultivar, como um Jardim,
para que dela germinasse
todo o género de ervas e de frutos!

Soprai, agora sobre os vossos filhos
e sobre esta Terra, o vosso Espírito Criador, +
para que reencontrem em nós a Vida,
que só de Vós nos vem!

Fazei destes vossos fiéis, destas famílias,
a «boa terra», onde cai a semente da vossa Palavra,
para que esta nossa Terra,
produza em abundância os seus frutos!

Por Nosso Senhor, Jesus Cristo, vosso Filho,
Deus convosco na Unidade do Espírito Santo!

Homilia no I Domingo da Quaresma A 2005

“Naquele tempo Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto”!

1. O deserto é o lugar do silêncio! Esplendor dos fortes, refúgio dos fracos, o silêncio é o espaço do Espírito, onde ele pode abrir as suas asas! (Saint Exupéry). Por isso, ***Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto***, ao lugar do silêncio absoluto das paixões, tempo de busca da trégua da paz, vencida a luta contra a tentação antiga de dar ouvidos ao ruído sedutor do mundo!

2. Jesus procura, no deserto, o *Silêncio do Absoluto*! O silêncio de Deus, calado no ouvido ensurdecido do homem da cidade, distraído. Procura o Silêncio para o *Absoluto de Deus*, que é tudo e é, em Jesus, a Palavra que se cala a ouvir-nos!

Silêncio, *alma dessa Palavra de Deus*, de que o Homem vive e se alimenta. Sombra dessa voz, que nos chama, para a presença silenciosa e fecunda do amor. O silêncio é a homenagem que a Palavra presta ao Espírito!

3. Caríssimos irmãos: O silêncio é, na verdade, uma virtude fundadora, que permite ao Homem cair em si para ouvir o essencial, para se inclinar à voz discreta do Espírito Santo, seu Mestre interior! Também ***Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto***. E nós somos chamados com ele, ao mesmo silêncio. «*Confia tranquilo no Senhor*», «*em silêncio, abandona-te ao Senhor*» (Sal.37,7) – apela o Salmista.

3.1. Começemos, desde já, por fazer, provocar e oferecer esse **silêncio na celebração da Eucaristia**.

Façamos o silêncio “*necessário para o recolhimento, a interiorização, a oração interior. Não é vazio, ausência, mas antes presença, receptividade, reação perante Deus que nos fala, aqui e agora, e atua para nós*” (CCDDS, Sugestões 28). Deste modo, corresponderemos ao desafio final e essencial da Igreja para este Ano da Eucaristia:

“Não peço – diz-nos o Santo Padre - que se façam coisas extraordinárias, mas que todas as iniciativas sejam marcadas por profunda interioridade. Mesmo que o fruto

deste Ano fosse apenas o de **reavivar em todas as comunidades cristãs a celebração da Missa dominical e de incrementar a adoração eucarística fora da Missa**, este Ano de graça teria conseguido um resultado significativo” (MND 29).

Em resposta a estes apelos, também nós iremos assinalar a Quaresma, de modo «**a viver a Eucaristia, passo a passo, no caminho para a Páscoa**». Semana a semana, iremos traçar, a partir da Eucaristia, uma linha de conduta interior, que deixe uma marca celebrativa e provoque uma atitude de vida. Assim, nesta primeira semana, cultivemos o **silêncio**, tão importante, na celebração, como no coração e na vida.

3.2. Aprendamos, desde aqui, a prática do silêncio, como atitude do coração:

“*Permanece em silêncio diante do Senhor*” (Sal.37,7); pois graças ao silêncio, o homem mergulha em si mesmo e descobre a sua essência espiritual que o funda!

3.3. Do coração da Eucaristia, tomemos o silêncio como atitude de vida: *Façamos o silêncio, necessário ao estudo e às aulas, porque no domínio do pensamento, o silêncio é indispensável. É Ele que nos permite a concentração, o recolhimento próprio para a reflexão. Façamos ainda o silêncio necessário à oração pessoal e em família. «Na verdade a oração, com os seus diversos matizes – de louvor, de súplica, de invocação, de grito, de lamento, ou de agradecimento – ganha corpo a partir do silêncio»* (CCDDS, Sugestões, 28)!

Silêncio por favor. *Permaneçamos em silêncio, diante do Senhor!* (Sal.37,7)

Homilia no I Domingo da Quaresma A 2002

I. «Recebestes de graça. Dai de graça» (Mt.10,8). Com este apelo, retirado do evangelho, o Santo Padre convida-nos, nesta Quaresma³, a recordarmos e a meditarmos em tudo quanto Deus nos deu, por meio de seu Filho. E os textos que acabámos de escutar, colocavam-nos, desde logo, no jardim da Criação, no qual “Deus fez nascer toda a espécie de árvores, entre as quais, a árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal”. Em certo sentido, somos também situados à sombra da árvore da Cruz... no qual esteve suspenso o Salvador do Mundo. Destas árvores, colhemos, e de graça, os primeiros frutos, os mais preciosos dons que Deus nos confiou gratuitamente: **a vida, a liberdade e a redenção**.

1. Coloquemo-nos, em primeiro lugar diante da “árvore da vida”. Da Vida do mundo e da Criação, mas também e sobretudo da vida do Homem, no qual o Senhor insuflou um sopro de **vida...** um sopro da **Sua** própria vida. «O desabrochar da vida e o seu prodigioso desenvolvimento é um dom. E precisamente por ser dom, a existência não pode ser considerada como domínio ou propriedade privada, ainda que às vezes, com o progresso da ciência, o homem seja tentado a imaginar-se como o criador de si próprio, e a ceder à tentação de manipular "a árvore de vida" (Gen. 3, 24)» (MPQ2). A vida é um dom. E permanece como tal, em qualquer circunstância da vida.

2. Se o homem tenta, desde o princípio, manipular a árvore da vida, é, porque, ao lado deste primeiro dom, está precisamente a graça constante da **liberdade**. Ao lado da árvore da vida, - diz o texto - está «a árvore do conhecimento do bem e do mal». Está, poderíamos dizer, a árvore que produz o fruto da liberdade, que “é, no

³ A partir daqui citaremos a Mensagem do Papa para a Quaresma de 2002, com a sigla **MPQ** e o respetivo número...

homem, uma força de crescimento e maturação, na verdade e na bondade” (Cat.Ig.Cat.1731). «Deus quis deixar o homem entregue à sua própria decisão» (Sir.15,14). Liberdade, há de assim ser entendida mais como capacidade do Homem para o bem, do que como possibilidade para o mal... Criando o homem livre, capaz de escolher entre o bem e o mal, Deus é o primeiro a correr o risco de ser rejeitado e desobedecido. Mas não seria digno de Deus, criar o homem, com um comportamento «em série», determinado apenas por um instinto natural, sem espaço para a afirmação ou negação. Nem seria digno do homem, ser criado como uma espécie de «macaco de imitação», incapaz de agir e de reagir, por si mesmo. Sabemos que esta liberdade é humana, finita e falível e que o homem falhou. Que livremente pecou. E, por consequência, deixara no mundo um rasto de pecado e de desgraça.

3. «Mas onde abundou o pecado superabundou a graça», diz São Paulo. E por isso, à sombra do pecado e da morte, projeta-se a Cruz, árvore da vida e da salvação. Na verdade, diz São Paulo, "todos pecaram e estão privados da glória de Deus», mas todos são justificados (salvos) gratuitamente pela sua graça" (Rom. 3, 23-24). Quer dizer, «Deus amou-nos com infinita misericórdia sem levar em conta a condição de grave rutura que o pecado causara na pessoa humana. Ele inclinou-Se benevolmente sobre a nossa enfermidade, vendo esta como ocasião para uma nova e ainda mais esplêndida efusão do seu amor” (MPQ 2).

Portanto, se é verdade que Deus nos deu a vida e com ela nos dá tantos outros bens, não podemos, nem por isso, esquecer que a maior graça de Deus foi, de facto, ter-nos salvo, foi **ter-nos redimido do pecado e da morte**. Mesmo com todos os bens que Deus já nos dera, «se não tivéssemos sido salvos», bem poderíamos dizer que «nem sequer valeria a pena termos nascido» (cf. Precónio

Pascal). Porque a vida que Deus nos dá e quer para nós, não tem raízes no chão. Tem n'Ele a sua fonte. É Ele mesmo em nós.

II. Meditando, irmãos caríssimos, «no dom incomensurável de graça, que é a **Redenção**, não podemos igualmente deixar de constatar que tudo nos foi dado por iniciativa amorosa de Deus. Deus entregou-nos livremente o seu Filho: quem pôde ou poder merecer semelhante privilégio» (MPQ 1)? Que havemos então de fazer?

1. Se queremos ser gratos para com Deus, se queremos, de algum modo, retribuir tanto amor, tanta vida, tanto perdão, o primeiro dom a oferecer a Deus é o testemunho de uma **vida santa...** (MPQ 4) uma vida mais exigente, mais perfeita, mais dada a Ele e aos outros, mais generosa, mais serviçal, mais atenta aos pobres...

2. Por outro lado, «tendo recebido a vida gratuitamente, devemos, por nossa vez, doá-la **de modo gratuito aos irmãos**» (MPQ 3). “Devemos abraçar, como crentes, uma existência fundada na "**gratuidade**", dedicando-nos sem reservas a Deus e ao próximo» (MPQ 3). Neste sentido, valeria a pena criar na paróquia um «**banco do tempo**», onde cada um depositasse o horário da sua disponibilidade, para um serviço concreto da comunidade. Aqui sim, o tempo valeria mais, muito mais do que o dinheiro.

3. Irmãos: Recebestes de graça, a vida. Dai de graça a Vida. É essa a suprema forma de liberdade e de amor. Ninguém me tira a vida! Diz o Senhor. Sou Eu que livremente a dou! (Jo.10,18).

HOMILIA NO PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA A 1999

1. Uma história do primeiro homem, que é afinal a História do homem de todos os tempos! Dizem alguns que «Adão e Eva» é um mito do passado. E eu convencido que esta é uma parábola moderna do homem de sempre. Ali está Ele, o Homem, no seu melhor e no seu pior. Grande, pelo sopro do Espírito de Deus que lhe dá Vida. Miserável, pelos pés e mãos e corpo... de barro. Onde havia um espaço de liberdade, uma Terra Prometida, o homem imaginou *jardins proibidos*. Atraído pela aparência, ilude-se pelo fruto proibido, que é sempre o mais apetecido! Onde julga afirmar a liberdade, desafiando as ordens do Criador, esconde afinal a sua escravidão! A tentação não lhe vem de fora. Não vem de Deus. Está no olhar e no desejo do Homem. O bichinho tentador não rasteja por baixo. Rói por dentro! E o homem, que se julga atado a uma cadeia de proibições, tenta a todo o custo saltar o muro, rompendo laços que afinal eram de amor. O tentador não podia ir mais longe: **«sereis como deuses»: "sereis para vós próprios a vossa lei. Sem nenhuma dependência. Sem nenhuma obediência"**. E o Homem pensou que, arrancadas as raízes que o ligavam a Deus, podia ser mais e crescer para os lados... E afinal, como árvore arrancada do chão, vê-se, por fim, despido. Diz a Escritura que está nu. Tem vergonha. Está vazio. E, o que é estranho, tem medo. Medo, mesmo sem nenhuma ameaça exterior, sem estar diante do inimigo, sem nenhum perigo à espreita. Tem medo. E esse medo vem do seu interior. Vem do seu mal-estar. Vem da consciência. Porque o pecado estraga a vida do Homem. Diminui-o. Pecar é - *como era no princípio, agora e sempre* - uma ilusão terrível. A do homem romper os laços do amor que o ligam ao Pai, para se encadear no nó cego das coisas que o prendem e esvaziam.

2. O pecado de Adão é afinal o pecado do *Filho pródigo*: *«fascinado pela tentação de se separar do Pai para viver de modo independente a própria existência; caído na*

tentação; *desiludido do nada que, como miragem, o tinha deslumbrado; sozinho, desonrado e explorado no momento em que tenta construir um mundo só para si; atormentado, mesmo no mais profundo da própria miséria, pelo desejo de voltar à comunhão com o Pai» (RP 5).*

3. Do ponto de vista psicológico, da nossa experiência, o pecado é uma **ilusão**. O pecador tem a ilusão de ser livre, mas realmente não é; tem a ilusão de ser forte, de ser feliz, de chegar ao prazer, mas não é isso que acontece. No fim, encontra-se com o nada, como acontece com o *filho mais novo* da parábola. O pecado é uma ilusão terrível: enquanto **ilusão do ter**, rodeia o homem de muros; quando se perde **na ilusão do parecer e do aparecer**, deixa a pessoa vazia, na sua detestável hipocrisia; quando se prende à **ilusão do poder**, desumaniza o homem. O pecado é sempre uma desumanização do Homem e por isso ofende a Deus que o criou para ser livre, como filho, no amor.

4. Caríssimos: «*Deus não nos abandonou ao poder do pecado e da morte*». Deus é aquele que existe em solicitude contínua e apaixonada por bater à porta do homem e o convidar a regressar, desde a lonjura da sua distração e do seu pecado, à casa do Pai, quer dizer, ao lugar da felicidade. Pelo seu Filho, Deus fez a travessia dolorosa que nos livra dos pecados. Onde Adão viu uma rivalidade e se revoltou contra ela, desertando traiçoeiramente, Jesus viu a mão misteriosamente amorosa do Pai que propõe o caminho do nascimento filial em liberdade. Jesus é aquele que nos livra do pecado, não porque tenha padecido em vez do culpado, mas porque na sua humanidade, livremente assumida, viveu, como Filho, a aproximação a Deus em comunhão de amor. "*Onde abundou o pecado, superabundou a graça*"!

Homilia no I Domingo da Quaresma A 1993

1. Um pecado pouco original!

Um homem, uma mulher, uma serpente, algumas árvores, com fruto proibido à mistura! Eis uma história antiga, cheia de encanto e poesia, de beleza e maravilha, mas habitualmente uma história mal contada! Imaginai um homem ou um povo, sereno e pensativo, em pleno século X, olhando a vida e a história, perguntando, sem saber o porquê do sofrimento e da dor, da doença e da morte, da desgraça e do pecado. À procura das origens e das causas das coisas faltaram-lhe palavras exatas, mas de olhar erguido para o Alto aprendeu a contar histórias, para contar a grande História da nossa Vida. Essa sim, a história verdadeira, a de cada um de nós. Uma história de graça e pecado, de grandezas e misérias, de sonhos desfeitos e esperanças nascentes. É essa História que vamos contar de novo. Deus foi tão livre a criar-nos que nos criou livres! Deu-nos tudo para lhe sermos fiéis e tudo para o negarmos. Deu-nos o desejo da grandeza e a consciência do limite. Ele, o Criador! Nós, as criaturas. Tudo bem até que o fascínio de uma Vida à margem de Deus e a ideia de ser como Deus, atraiu o homem para o abismo de uma existência em revolta permanente contra Deus. Para quê Deus se até pode o podemos dispensar? Para quê Deus se até o podemos ultrapassar? Sem Deus deixa de haver limites! Seremos como deuses! Viveremos unicamente aterrados aos nossos desejos! A Criação inteira por nossa conta! Em vez de jardineiros e guardadores, salteadores e exploradores. É esta sempre a primeira e a última tentação: sermos como deuses. Crentes no poder absoluto do nosso saber, do nosso ter, do nosso ser. Isto está na origem e explica tudo! Chamaram-lhe pecado “original”. Tão fortemente marcado na vida dos Homens que se alastrou para sempre à condição de cada Homem. E ninguém mais nasceu sem este “defeito de origem”. “marca de fabrico”. Não é precisa muita imaginação para olhar dentro de nós e à nossa volta quanto há de desordem, de falta de amor, de pecado, afinal!

“O pecado é não passar além de mim. Deus quer-nos desocupados de nós próprios, para podermos estar de poros abertos, farejando a grandeza do nosso destino” (Eulália de Macedo). Quer dizer, o pecado, desde a origem, é fechar-se no egoísmo cómodo, no interesse próprio, na imagem aparente, sem a visão dos outros. Talvez sem negar Deus, mas vivendo como se Ele não existisse. Ou então inventando novos deuses. E neste nosso tempo, um autêntico deserto de valores, não faltam serpentes a fazer-nos rastejar pelo chão, como se acima de nós não houvesse mais nada nem ninguém! É que o pecado diminui-nos. “Só na medida em que o pecado nos diminui, Deus se interessa por ele” (Idem).

2. Cristo, novo Adão

Não é mau despirmos as folhas de figueira para descobrirmos realmente o pecado, na verdade da nossa nudez. Mas é ainda melhor contemplar Cristo, o Homem, que vestiu a nossa pele, despojando-se de tudo, vê-lo vencer no seu próprio campo o pecado e o mal. Optando por um caminho de entrega e de serviço, de abertura aos outros e de doação, recusando o espetáculo religioso e o poder exibicionista, Cristo esmagou a serpente na sua própria cabeça. Cortou o mal pela raiz. E, Ele, solidário com a nossa frágil humanidade, insuflou na ferida do nosso pecado a Vida da Graça. Deu-nos o que quiséramos roubado. Tornou-nos participantes da sua divindade, associou-nos à sua vitória, partilhou connosco o fruto da sua luta. Fez-nos grandes; à medida do seu Amor.

3. Batismo na morte e Ressurreição de Cristo:

Enxertados em Cristo, desde o nosso Batismo, nascemos marcados pela graça. Em nós a força de Deus anulou a marca decisiva do pecado. O dom maior da graça salvou-nos. Salvos em Cristo, desde o Batismo, vamos para a luta certos da vitória. O deserto da provação ainda agora começou! A tentação espreita-nos sempre! Cuidado, que as serpentes mudaram de figura!

MISSA DA CATEQUESE

HOMILIA NO PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA A 1999

(TEXTOS: 1ª LEITURA E evangelho)

1. Vou contar-vos uma história, que porventura vos lembrará outras histórias:
"Uma ovelha encontrou um buraco na cerca. E, por ele, escapou, satisfeita por se ver, afinal, bem soltinha. Caminhou muito tempo e perdeu o caminho de volta p'ra casa. Só então percebeu que um lobo faminto a seguia, de perto. Correu a ovelhinha e correu mais o lobo, até que os pastores chegaram a tempo, salvando-a da fera e levando-a p'ra casa, com muito carinho. E, apesar dos conselhos de amigos que viram isto, o pastor recusava-se a fechar o buraco da cerca por onde a ovelhinha fugira" (Anthony de Mello, S.J.,).
2. Olhemos um pouco para esta História:
 - 2.1. Há uma cerca. Um pasto. Onde não falta nada, nem o alimento, nem a companhia, nem o Pastor... Era como se fosse o «seu pequeno paraíso». Onde nada faltava!
 - 2.2. Há um buraco na cerca. A ovelhinha não estava presa. Olhou pelo buraco e espreitou. Tinha a ilusão de uma liberdade maior fora da cerca... Não satisfeita com o que tinha, queria mais... seduzida pela «aparência» daquele «admirável mundo novo».... que estava ali diante de seus olhos, quis «saltar para fora».
 - 2.3. A ovelhinha «escapou». E parecia satisfeita por ver-se «soltinha». Que lhe vai acontecer logo depois?

2.4. Efeitos: 1. Perde o caminho de volta a Casa - desorientação; 2. Entra na tristeza, na solidão; 3. A sua vida corre perigo (o lobo ataca!), perde o sossego, perde a Paz...

2.5. Alguém lhe deita a mão: livra-a do mal, leva-a para Casa; trata com carinho

3. E a história podia acabar aqui. Mas não?! Que mais nos surpreende? Que mais nos espanta? Afinal «o pastor recusava fechar o buraco por onde a ovelhinha fugira»! Não será um Pastor irresponsável? Porquê mantém Ele a porta aberta? Porque não quer em casa à força! Quer manter a porta aberta da liberdade...

4. Esta é a nossa História: (como a de «Adão e Eva»)

4.1. Deus dá-nos tudo para sermos felizes. Quer-nos no seu «pasto», quer-nos em sua casa, no seu coração, no seu amor... Põe uma cerca, (a lei) para nos proteger dos perigos. Mas nós pensamos sempre «que fora d'Ele» é que é, que para lá da cerca é que é bom... Somos tentados a querer mais, (cobiça); seduzidos pela aparência (pelo que parece bom aos nossos olhos), lá nos tentamos a «saltar» o muro... Como se fora do amor, fôssemos mais livres... mais felizes... mais poderosos. Isto é um engano...

4.2. Não é isso que acontece. Ficamos sós, tristes, perdidos. Onde julgávamos chegar «ao céu» encontramos o buraco negro da solidão...

5. No fundo, é isto o pecado. Não se deixar amar por Deus; não amar os outros. Recusar o amor. Abusar da liberdade... É sempre a nossa tentação: querer

viver «fora do amor» (fora de casa), como se depois tudo fosse bom. Mas o pecado tem um efeito contrário.

6. Mas Deus, Pai, permanentemente envia pastores para nos salvar. Mantém a porta aberta. Aberta para entrar. Aberta para sair. Se a fechasse, antes de sair, estaríamos presos. Se a fechasse depois de sairmos, estaríamos condenados! A porta aberta é um gesto de amor. Um caminho de liberdade.
7. Que saibamos viver na amizade com Deus e com os outros, sem a ilusão de que fugir do amor nos faria mais felizes... Que saibamos ser como «os pastores» que trouxeram de volta para casa a ovelhinha... Hoje podemos entender bem as palavras do Pai Nosso: «Não nos deixeis cair em tentação»... «mas livrai-nos do Mal»...

Homilia no I Domingo da Quaresma A

1. Três atalhos para não passar pelo Caminho da Cruz! *Batizado de fresco*, Jesus parte para o deserto, lugar do combate. E, frente ao risco de uma missão sem êxito, a tentação é grande.

* A primeira tentação é a de transformar pedras em pão. Que é como quem diz, a de alienar o povo, comprando-lhe a liberdade do coração por um pedaço de pão. Um atalho fácil e escorregadio, porque é sempre mais fácil pôr as pessoas a correr atrás de algo que encha a barriga do que despertar-lhes a fome e abrir-lhes o coração à Palavra! Não é difícil arrastar multidões com um cheirinho a saco cheio!...

*A segunda tentação é de impressionar pelo aparato espetacular, uma espécie de acrobacia que esmagasse as dúvidas dos mais incrédulos. Tratar-se-ia de vencer e convencer não pela força do apelo da verdade, mas pelo estrondo do efeito espetacular. A «evidência» do milagre obrigaria a acreditar sem se comprometer. Um atalho fácil e escorregadio, sobretudo quando sabemos que o homem prefere uma mentira brilhante a cem verdades cinzentas.

* A terceira tentação é a de dominar o mundo, possuindo-o, retirando-lhe todas as possibilidades de resistir. Seria uma espécie de mundo vencido mas não convencido, um “voluntário à força” na causa de Jesus! Um atalho fácil e escorregadio sobretudo quando sabemos que o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente.

2. Jesus tinha de **optar entre atalhos**, caminhos rápidos, eficazes e triunfantes e o **Caminho árduo da Cruz**, da entrega, do serviço humilde e do amor impotente... Jesus preferiu o silêncio eloquente ao espetáculo cego, preferiu o amor impotente ao poder tirano. Não sacrificou a missão à eficácia, não se rendeu a uma missão populista ou atraente. Em vez da eficácia rápida do triunfo, Jesus prefere o

caminho lento do amor. Jesus renunciou assim a seguir por atalhos, por onde sempre parece chegarmos mais depressa, mas por onde mais facilmente nos despistamos e perdemos. E optou claramente pela exigência, sem ilusões nem enganos sedutores. Preferiu a fidelidade sacrificada ao entusiasmo passageiro.

3. *“Há momentos e circunstâncias em que é necessário fazer opções decisivas para toda a existência. Vivemos - e vós sabei-lo - momentos difíceis em que frequentemente é árduo distinguir o bem do mal, os verdadeiros mestres dos falsos; não cedais nunca perante as seduções e as fáceis ilusões do mundo, que depois, com frequência, se transformam em trágicas decepções. Nos momentos difíceis e nos momentos de prova, é que se verifica a qualidade das opções. É portanto nessa hora não fácil que cada um de vós será chamado à valentia da decisão”*”.

Quaresma é essa «hora» larga e longa de deserto. Tempo de retomar a consciência do Batismo e optar. Há, no mercado religioso do nosso mundo muitas propostas. Há até quem venda Deus a troco de um cristianismo espetacular e de uma vida fácil. Podemos escolher. Mas *“não existem atalhos para a felicidade e para a Luz”*⁵! O caminho da Verdade é um só. E *quem se mete em atalhos, mete-se em trabalhos!*

⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Juventude*, n.7

⁵ *Ibidem*, n.7.